

PREFÁCIO AO NATAL

Passaram quase duzentos anos desde que *Um Cântico de Natal* foi escrito e publicado pela primeira vez, em 1843. Em consciência, quem poderá afirmar que conhece o real tamanho e peso de duzentos anos? Impressiona-me que, após esse tempo, as palavras continuem todas a fazer sentido, que nada se tenha quebrado ou, sequer, rachado. A maior parte dos objetos que suportam séculos perdem a sua utilidade e, quando alguém os admira em museus, precisam de grandes contextualizações para serem entendidos. Esse não é o caso destas páginas, tudo nelas permanece atual. É costume que os objetos antigos cheguem intactos aos nossos dias por terem passado muitos anos fechados dentro de armários, escondidos de olhares e de mãos que os pudessem partir. Mais uma vez, esse não é o caso de *Um Cântico de Natal*. Nunca deixou

de ser lido e relido, reinventado em inúmeras versões e adaptações. Nestes quase duzentos anos, esteve sempre vivo.

É um daqueles raros livros que deu expressão a algo enorme e que, ao fazê-lo, inaugurou um gênero. Acredito que a própria vivência do Natal foi tocada por estas páginas. O modo como caracteriza essa época do ano, o ideal que propõe, acabou por marcar as expectativas de inúmeras gerações. Todo o texto se dedica a esse tema que, logo no início, é resumido: «Sempre encarei o Natal como um tempo feliz, um tempo de bondade, de perdão, de caridade, de boas relações; a única época, que eu saiba, em que, no longo calendário do ano, homens e mulheres parecem, de comum acordo, abrir os corações e pensar na pobre gente mais desfavorecida como companheiros de viagem desta vida para outra.»

Apesar das múltiplas metáforas e simbologias religiosas, o Natal destas páginas surge condensado numa versão popular que, com habilidade, evita o lado mais explícito dessa dimensão. O texto firma-se num moralismo que opõe caridade, misericórdia, tolerância e benevolência a avareza e egoísmo. Ou, por outras palavras, o modelo burguês de família *versus* a solidão.

Scrooge, protagonista anti-herói, apresenta-nos o absoluto oposto do Natal e, assim, como num teatro de sombras, como num negativo fotográfico, contribui para uma descrição criteriosa daquilo que o Natal deve ser.

Os presentes que as crianças recebem e o menu das ceias constituem o cenário de um período em que, no fundo, aquilo que mais importa é a solidez das relações. Esse é o principal valor, repetido em múltiplas formas. Ainda assim, fica também claro que os pecados da vida serão pagos na morte, como uma corrente que terá de ser arastada, como um peso a prender os movimentos, a nunca deixar esquecer.

Apesar de tão exagerado, é difícil não nos sentirmos refletidos pelas viagens de Scrooge e, à medida que ele se observa, observarmo-nos na memória ou nas projeções que somos capazes de fazer de nós próprios. O que pensarão de nós quando chegar o nosso último dia? Nessa hora, que avaliação será feita da nossa vida? De certeza que não queremos toda a montanha de ressentimento e de culpa que desaba sobre Scrooge e que molda esta narrativa. Depois da última palavra lida, convencemo-nos de que não erraremos como Scrooge errou, não havemos de esquecer o fundamental como Scrooge esqueceu.

A eficácia deste texto tem origem na enorme mestria de Dickens para criar uma narrativa sem obstáculos, fluida, a um ritmo confortável; na qual as cenas se sucedem com uma dimensão imagética muito forte, bem esculpida. Em certos momentos, dá a sensação de que seria exatamente assim se nos estivessem a contar esta história à lareira, na noite de Natal.

PREFÁCIO

Como todos os grandes livros, a simplicidade é aparente. Havendo essa disposição, não faltam oportunidades de mergulharmos em temas complexos que também aqui são abordados. Entre várias possibilidades, o tempo é uma dessas grandes questões, expostas no que têm de mais paradoxal, como uma provocação. O passado, o presente e o futuro misturam-se, sobrepõem-se, alternam-se e confundem-se de modos que nos obrigam a refletir sobre o tempo que nos envolve e com que temos de lidar: as idades, a vida.

Um Cântico de Natal é uma obra que nos faz pensar e que nos faz sentir. É por isso que continuará a ser lida, não importa quantos séculos passem. As questões que levanta nunca perderão atualidade, os sentimentos que desperta pertencem ao centro da natureza humana.

José Luís Peixoto
Outubro de 2015